

Entrevista ■ SENADOR JEFFERSON PERES

Perfil, nascido em Manaus, em 1932, Jefferson Peres cumpre seu segundo mandato como senador do estado do Amazonas, pelo PDT, agremiação partidária onde ingressou há cerca de seis anos. É candidato a vice-presidente na chapa de Cristovam Buarque (PDT)

“O eleitorado brasileiro parece contaminado”

Tina Vieira e Sérgio Pardellas

BRASÍLIA – Crítico contumaz do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o senador Jefferson Péres (PDT/AM), ocupou a tribuna do Senado, esta semana, para um desabafo: manifestou intenção de abandonar a vida pública. O gesto, confessa o senador, tinha o objetivo de dar uma “sacudidela” no eleitor. A decisão, porém, está de pé e só pode ser revertida em caso de mudança do atual cenário político.

– Fiz esse desabafo para tentar chocar, embora talvez tenha me superestimado. Não sei se tenho vigor político para tanto. Mas foi uma tentativa - explica.

O desencanto do senador nasce na constatação de que o eleitor brasileiro está anestesiado diante dos escândalos. E, do fato de a classe política brasileira – patrimonialista – entender a disputa pelo poder como uma forma de se apropriar do Estado.

– O eleitorado e a sociedade passaram a ficar mais tolerantes. Descrentes da classe

política, nivelaram por baixo e entenderam que todos são assim.

Se Lula for reeleito, o senador enxerga dois cenários. Um “róseo”, em que o presidente se redimiria dos erros partindo para um governo de concertação, e outro que se descortina a partir de um cenário sombrio.

– Se o lado demagógico prevalecer e Lula entender que pode manipular o povo, partir para o confronto com o Congresso e imprensa, e enveredar pela linha chavista, aí não sei o que vai acontecer.

DAVI ZOCOLI

– Esta semana o senhor subiu à tribuna para dizer que pretende abandonar a vida pública após as eleições. É uma decisão ou ainda pode voltar atrás?

– É uma decisão que só poderia ser revertida se o cenário político mudasse muito nesses quatro anos, o que não acredito. Como está hoje é desalentador. Em termos éticos, o país vive um momento preocupante. Há um processo de degenerescência muito intenso. O que aumentou a minha indignação é que uma parte grande do eleitorado parece contaminado na medida em que as pesquisas indicam que o presidente da República, responsável ou conivente com isso, tem eleição quase certa, talvez até no primeiro turno.

– Não seria melhor para o país o senhor estar presente na vida pública até mesmo para fazer o contraponto?

– Não sairia da vida pública. Apenas deixaria a atividade parlamentar. Continuaría a luta em outras trincheiras. Continuaría participando de debates e encontros no meio acadêmico. Não seria uma deserção ou uma fuga. Há um certo enfado da vida política e, principalmente, parlamentar.

– A que o senhor atribui a crise ética?

– O responsável por tudo isso é a classe política brasileira eminentemente patrimonialista. Entendem a política como uma forma de se apropriar do Estado. Mas uma parte da sociedade sempre reagiu. Nos últimos 12 meses, porém, o eleitorado e a sociedade passaram a ficar mais tolerantes. Ficaram descrentes da classe política, nivelaram por baixo, entenderam que todos são assim, quem está no poder faz isso mesmo. Aumentou muito o percentual de eleitores que acham todos iguais, tanto faz votar em A ou B.

– Qual a consequência disso?

– Diante do volume de escândalos, o povo ficou enjoado. E passou a raciocinar assim: “Mas se até o PT fez isso, todos são iguais”. E como os principais envolvidos eram parlamentares e de quase todos os partidos, Lula soube generalizar.

– A oposição falhou ao não construir um projeto alternativo de país?

– A oposição pode ter errado



por não ter sabido mostrar as diferenças. Não vou me eximir de culpa. Fui um dos que falharam ao não saber passar para a população que política não é isso. Há políticos diferentes e caminhos alternativos.

– Chegamos ao fundo do poço ou ainda pode piorar?

– Há sinais positivos. Algumas instituições estão funcionando bem como órgãos de Estado e não de governo. Bato palmas para a Polícia Federal, Ministério Público e imprensa. Uma parte minoritária da classe política também não se corrompeu. O paciente Brasil, em termos éticos, não está morto. O doente dá sinais de vitalidade.

– Não seria a hora, então, de chamar o cidadão brasileiro para se envolver mais no debate político?

– Meu desencanto com a vida política é sincero. Não é factóide. Fiz esse desabafo faltando 30 dias para as eleições para tentar chocar. Embora talvez tenha me superestimado. Não sou líder nacional, dirigente de um grande partido e não tenho

Os próximos quatro anos vão mostrar o tamanho dos políticos. Quem tem estatura de estadista e quem vai ser sempre um pigmeu

grande espaço na mídia. Mas foi para dar uma sacudidela nos políticos e eleitorado. Não sei se tenho vigor político para tanto. Mas foi uma tentativa.

– A reforma política é uma das soluções para o país?

– Se o Lula for mesmo reeleito, vejo dois cenários. Um róseo e outro muito escuro. Num visão otimista, um cenário róseo é possível: no segundo mandato, Lula procuraria se redimir dos erros que cometeu. Com base parlamentar frágil, buscaria o entendimento e o que tenho chamado de concertação. Com a cláusula de barre-

ra, deve restar apenas seis partidos, o que facilitaria o entendimento em torno das reformas política, tributária e previdenciária. Mas há o cenário escuro, altamente preocupante. Se o lado político e demagógico prevalecer sobre o Lula e ele entender que pode, como foi eleito com uma grande votação, manipular o povo, partir para o confronto com o Congresso e imprensa, e enveredar pela linha chavista, aí não sei o que vai acontecer. Lula é ambíguo. Não se sabe exatamente qual é o verdadeiro Lula.

– Há espaço para o diálogo com a oposição?

– Temo que, se o Lula, dando uma de estadista, estender a mão, a oposição se apegue. Não sei se haverá lucidez.

– Parte desses problemas que o Brasil vivencia hoje é resultado da falta de maturidade dos partidos políticos?

– Claro. Gostaria muito que PT, PSDB, PFL e PDT, tentassem, depois das eleições, essa grande concertação nacional. Não seria o desaparecimento da

Meu desencanto com a vida política é sincero. Não é factóide. Fiz esse desabafo faltando 30 dias para as eleições para tentar chocar

A responsável é a classe política brasileira patrimonialista. Entendem a política como uma forma de se apropriar do Estado

oposição. Mas o entendimento em torno da aprovação de questões básicas. Faria isso tranquilamente. E não queria participar de governo não, nem se me oferecesse ministério. Não seria cooptação não. Aí não seria mais concertação e sim um grande e indecente acordão.

– O caminho natural, olhando mais para a frente, é a aproximação de PT e PSDB?

– Hoje está havendo uma desideologização da política, porque, com o naufrágio do socialismo real, já se sabe que o Estado democrático de direito no campo político e a economia de mercado – a globalização – são irreversíveis. E, como as diferenças diminuíram, acho possível que PT e PSDB, amanhã, façam uma aliança.

– E, como consequência, o país caminha para um Parlamentarismo?

– É a minha proposta para 2010. O problema é que políticos como José Serra e Aécio Neves, hoje muito influentes no PSDB, que vêem uma possibilidade de se elegerem, certamente não aceitariam.

– O Brasil ainda vai estar a reboque durante muito tempo de projetos pessoais?

– Esses próximos quatro anos vão mostrar o tamanho dos políticos brasileiros. Quem tem estatura de estadista e quem vai ser sempre um pigmeu político.